

cR

Centro
de Referência
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo
do Centro de Referência Paulo Freire**

acervo.paulofreire.org



InstitutoPauloFreire

Quarta

I N T R O D U Ç Ã O

A O

1975

M É T O D O " P A U L O F R E I R E "

A E X P E R I Ê N C I A

D E

B R A S Í L I A

MOBILIZAÇÃO DOS
ESTUDANTES SE-
CUNDÁRIOS PARA
ERRADICAÇÃO
DO ANALFABETIS-
MO

O MÉTODO DE PAULO FREIRE.

O método de Paulo Freire tem as seguintes características básicas:

1. Não precisa de cartilha: o trabalho de alfabetização pode ser feito no quadro negro, numa parede com carvão, com fichas pre-fabricadas, com projetores (a melhor forma, evidentemente), etc., conforme os recursos locais. É portanto, um método que pode ser popularizado independente de recursos financeiros, dependendo apenas da boa vontade da pessoa que deseja contribuir para eliminar o analfabetismo do Brasil.
2. É um método cujo material é de origem local. Usa, para alfabetizar, o vocabulário mais usado pelo povo da localidade (PALAVRAS GERADORAS). Na escolha das palavras deve-se ter dois cuidados básicos, sob pena de não serem as palavras MOTIVADORAS:
 - a) serem palavras de alto conteúdo sociológico e de aspectos da vida que emocionem o grupo de analfabeto. Assim, sentirão eles sua própria vida discutida na hora da alfabetização. Se não forem palavras recas de conteúdos e vivências, não darão azo à DISCUSSÃO que é fundamental para gerar o interesse e ligar a alfabetização aos problemas do indivíduo.
 - B) serem palavras que, em sua sequência, cobrem todos os FONEMAS DA LINGUA PORTUGUESA, de modo que, através delas, sejam estudadas todas as dificuldades da LEITURA.

Paulo Freire seleciona estas palavras através de uma pesquisa do UNIVERSO VOCABULAR da comunidade, mediante entrevistas prévias com os grupos que serão alfabetizados. Uma equipe técnica, depois, seleciona as palavras que cubram a variedade de fonemas da língua, explorando assim as dificuldades da leitura.

3. As palavras GERADORAS (ou alfabetizadoras, digamos assim) devem ser apresentadas num contexto sociológico (uma cena local que possa ser resumida pela palavra). Este contexto figurativo dá a sustentação psicológica da palavra na mente do analfabeto, permitindo que ela gere outras palavras e funcione como CHAVE para a leitura de inúmeras outras palavras. A palavra LABUTA (apresentada numa cena de pessoas pobres que trabalham) pode permitir a leitura de cerca de 250 palavras outras cujas sílabas sejam as mesmas usadas na palavra geradora.
4. As palavras são apresentadas através de uma figura: sobre a figura deve ser feita uma discussão com o grupo (de cerca de 20 pessoas) que está, sendo alfabetizado. O papel do coordenador (alfabetizador) é fazer o grupo explorar a figura em todas as dimensões possíveis. Quanto mais vivo o debate, quanto mais idéias aparecerem, mais rico é o processo de conscientização e de fixação da PALAVRA CHAVE. O papel do coordenador é estimular a discussão do grupo. Não tem importância (é até bom que a discussão seja prolongada e viva). O coordenador deve ser um AGENTE PROVOCADOR DA DISCUSSÃO e CONTROLADOR para interpretar as dificuldades que o grupo tem de expressar-se. Não deve deixar que nenhum dos membros do grupo fique calado. Deve interpelar todos. Deve estimular que falem. Deve fazer perguntas esclarecedoras. Não deve dar suas próprias opiniões. Deve tentar prolongar o debate, sempre apontando para a figura e mostrando novos aspectos. Quando a discussão tiver esgotado o tema, chamará a atenção para a palavra que está contida, com certa discreção, na figura. Explicará, então, que uma cena VIVA pode ser PINTADA. UMA CENA PINTADA pode SER FALADA (discussão) ou ESCRITA. Explicará então o que é escrito. Discutirá, então, o papel da LEITURA na vida humana. Cada um será estimulado a dizer para que serve a escrita. Porque quer ser alfabetizado. Que fará quando estiver alfabetizado. Naturalmente, a riqueza pedagógica deste momento dependerá da habilidade do coordenador em explorar a situação para que todos se pronunciem. Para que todos digam suas dificuldades. Para

5. A alfabetização, pois, realiza-se em situação de GRUPO. Quem alfabetiza não é o coordenador: o próprio grupo se alfabetiza pela discussão. Isto é fundamental. Dai o coordenador deve ser uma pessoa inteligente - que estimule e não iniba o grupo. Se fôr feita a discussão no ESCURO, melhor porque as pessoas do grupo perdem mais facilmente a INIBIÇÃO.
6. No método não há decoração de PALAVRAS, mas de fonemas (sílabas). As sílabas são apresentadas como um ENIGMA (charada, problema) que deve ser resolvido pelo grupo. O grupo deve ser estimulado pelo coordenador a DESCOBRIR PALAVRAS, a FAZER PALAVRAS, A ENCONTRAR SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS. Não se diz que tal letra é de tal forma: manda-se que o grupo descubra a diferença entre um J e um T, entre um A e um E, etc. Sempre é o grupo que deve descobrir a forma das letras, das sílabas, das palavras: é o melhor exercício de FIXAÇÃO. Deixar que eles usem seu próprio vocabulário para DESCRIVER AS SÍLABAS.
7. Os fonemas apresentados numa aula são copiados numa pequena ficha e dadas a cada participante para levar para casa e lá tentar formar novas palavras (P. ex. - com a palavra LABUTA - LA - BU - TA, pode ser feita a palavra TALA, BULA, TABU, LATA, etc. Se fizermos cada sílaba variar - mediante as VOGAIS, cerca de 250 palavras novas podem ser lidas). Veja-se, portanto, que apresento ao analfabeto, não algo para ler, MAS, O MATERIAL SILABICO PARA ELE FAZER PALAVRAS: é uma atitude inteiramente nova em alfabetização. Em vez de um homem passivo diante do texto, temos um homem ativo construindo PALAVRAS com as "chaves" (sílabas) que ele descobriu na palavra geradora. Isto é FUNDAMENTAL no método.
8. A escrita é concomitante. Logo que se apresenta uma palavra, no próprio ato de VISUALIZA-LA, começa-se, inconscientemente a ensinar a escrita. Quando o analfabeto descobre que (por exemplo) o J é um "poste" com uma "voltinha" embaixo, já aprendeu, psicologicamente, a escrever. Falta apenas TREINAR A REPRODUÇÃO GRÁFICA, que poderá ser feita na aula ou em casa. Para ensinar a escrita, pois, o coordenador terá que fazer o grupo "estudar" CADA LETRA. A melhor maneira de estudá-la é perguntar: - "COM QUE SE PARECE UM G ? ou então: "QUAL A DIFERENÇA ENTRE UM E e um F ?" etc. Cada detalhe da letra deve ser estudado para facilitar a escrita. Todo homem sabe riscar na areia, p. ex., uma MARCA DE GADO: porque não saberia reproduzir uma letra que foi ESTUDADA EM GRUPO ?
9. É inteiramente diferente, pois, o comportamento do professor no método: nada é feito por ele, tudo é feito pelo aluno. Seu papel é fazer VER AQUILO QUE O ANALFABETO NÃO VIU. Aliás, esta técnica é hoje adotada em toda escola de qualquer grau... Não se põe o analfabeto diante de uma cena que deve ser decorada, mas diante de um PROBLEMA (ou de uma CODIFICAÇÃO) que deve ser resolvido pelo grupo (DECODIFICADA). Esta forma de agir dá dignidade ao grupo, fá-lo sentir-se importante, participante, construtor, desafiado diante de uma situação que exige resposta inteligente. Este período de VISUALIZAÇÃO e DECODIFICAÇÃO DEVE ser tão longo quanto necessário para não deixar sem comentário do grupo todos os DETALHES DA SITUAÇÃO.
10. O professor (o coordenador) deve alternar as perguntas, ora visualizando o DETALHE, ora chamando a atenção para o CONJUNTO. A aprendizagem é uma GESTALT, uma estrutura, uma totalidade: só se fixa se fôr transformada em situação TOTAL. É outro ponto importante que a pedagogia antiga (método catequético, método heurístico, etc.) não levava em conta. É a ESTRUTURA QUE SUSTENTA A PERMANÊNCIA DA APRENDIZAGEM NA MENTE DAS PESSOAS. É por isto que o método é tão eficiente: não se ensina milhares de detalhes, mas alguns conjuntos (palavras geradoras) que servem de "chave" a toda leitura. É por isto que com tão poucas palavras se pode alfabetizar. Pelos demais métodos, é quase necessário aprender a ler CADA PALAVRA.

- nicia-se por longo período de motivação e conscientização. A maioria - das pessoas analfabetas não está muito interessada em alfabetizar-se. É preciso que o homem compreenda que seu analfabetismo é UMA DIMINUIÇÃO - DE SUA DIGNIDADE DE HOMEM. Que foi fechada para ele uma porta fundamen- tal por onde entra a CULTURA. É preciso que ele venha a ter pejo de ser analfabeto.
2. Todos os homens foram feitos iguais diz a doutrina cristã, dizem as - constituições. Mas na prática o que existem são pessoal dominadas e - pessoal dominadoras. É preciso, pois, transmitir, inicialmente, ao ho- mem analfabeto o conceito de que todos são iguais e que não deve haver- homens privilegiados em face de seus irmãos. A leitura é a porta que a- bre o caminho para um mundo que estava vetado ao analfabeto.
 3. Em geral, os analfabetos são profundamente pessimistas e FATALISTAS (A sorte Deus é quem dá. Eu não tenho estrêla. Quem quer ser grande nasce- viçoso, etc, etc.). É um fatalismo que faz dele um SUB-homem. É preciso pois, mostrar a cada homem que ele tem a DIGNIDADE DE REI DA CRIAÇÃO. - Seus molambos encobrem o mais perfeito ser do UNIVERSO.
 4. Não têm os analfabetos a idéia de que são CRIADORES. Que criar é típico do homem. Que não importa o tipo de criação, todas dignificam o homem. A panela de barro feita por uma velhinha encarquilhada é uma obra de - criação equivalente ao poema ou à sinfonia do artista. Que é porque - cria que ele é a IMAGEM E SEMELHANÇA DE DEUS.
 5. O analfabeto não sabe que a roupa de couro que fabrica é CULTURA. Não - sabe que a casa que constrói é cultura. Pensa que há uns homens que têm poder mágico e que são os donos do mundo. Não tem sequer coragem de - CRITICAR. O mundo para eles é uma MAGIA incompreensível. Não são, pois, de fato HOMENS. São OBJETOS manipulados por outros homens. É preciso, - pois, primeiro fazer descobrir sua DIGNIDADE e mostrar que ele pode - ser DONO DE SEU DESTINO.
 6. Deve crer que DEMOCRACIA é o regime do HOMEM COMUM. Que todos podem di- rigir sua vida e seu grupo. Que o BOM SENSO NATURAL pode conduzir o ho- mem em seu caminho: para isto ele mesmo analfabeto recebeu a inteligên- cia de Deus.
 7. É preciso convencer o analfabeto de que ele é o ser mais perfeito da - criação. Que ele pode dominar a natureza e pô-la a seu serviço. Que tu- do que o homem constrói é uma forma de domínio da natureza. Que à medi- da que o homem se torna mais poderoso pela acumulação da CULTURA (fazer casas, pontes, poemas, sinfonias, etc.) a natureza se torna sua SERVA . Que é preciso enfrentar a natureza como REI DA CRIAÇÃO.
 8. O analfabeto não sabe que JÁ É CULTO: ele sabe tantas coisas que os "ho- mens cultos" não sabem... Perguntem ao pedreiro do grupo como se faz uma casa: ele dará uma verdadeira lição ao grupo. Cada um do grupo deve sa- ber fazer alguma coisa: basta o coordenador explorar este aspecto da CULTURA DO GRUPO. Convencido disto, dar-se-á um fenômeno de EUFORIA no grupo e está ele motivado para a aprendizagem da leitura, esta outra - forma de CULTURA...
 9. Produz-se, assim, um DESEQUILIBRIO PSICOLÓGICO do analfabeto: ele não é mais conformista. Ele sabe agora que sabe. Ele sabe agora que já vem do- minando a natureza. Ele sabe agora que é um HOMEM como os outros. Ele- sabe agora que estava passivo e que pode ficar ativo. Ele sabe agora - que É DONO DO MUNDO. -É um HOMEM.
 10. Está, então, preparado para o esforço de alfabetização. Está motivado . Está alegre porque entrará, pela LEITURA, num MUNDO NOVO. Não teria sen- tido alfabetizar apenas "para ferrar o nome" como eles dizem : é UMA NO- VA VIDA QUE SE INICIA COM A ALFABETIZAÇÃO. O coordenador que não conse- guir este estado de espírito de seu círculo de cultura, é melhor parar : nada estará fazendo, realmente, pelo seus irmãos...

pássaros, animais, árvores, etc.) - Discussão do grupo: Que é obra do homem? Que é obra da natureza? Como modifica o homem a natureza? Como faz cultura? Por que faz o homem cultura? Por que modifica a natureza? Como se guarda a cultura? Como se transmite a cultura? Como a natureza se reproduz? Qual a diferença? etc. etc. etc.

- 2º.- UM ÍNDIO ATIRANDO COM UMA FLECHA NUM PÁSSARO QUE VOA. Discussão do grupo. Visualização do quadro. Identificação dos elementos. Que é um índio? Que instrumentos usa? Que é um pássaro? Qual a relação entre o pássaro e o índio? Por que atira no pássaro? Com que atira? De onde tirou o arco? Como fez o arco? O arco é cultura? Como se veste o índio? etc. etc. etc.
- 3º.- UM CAÇADOR MATUTO (RABAREU) CAÇANDO DE ESPINGARDA. A diferença entre este quadro e o anterior. Diferença entre o selvagem e o civilizado? Por que são diferentes? Por que usam instrumentos de caça diferentes? Como se vestem? Qual o mais poderoso diante da natureza? Por que? etc. etc. etc.
- 4º.- UM GATO CAÇANDO UM RATO. Qual a diferença entre um índio, um tabareu e um gato que caçam? Pode-se dizer que aí há três graus de CIVILIZAÇÃO? Qual o mais hábil? Quais as diferenças entre os três? Por que são diferentes? Quem é mais humano? Por que o homem deixou de caçar? Que substitui hoje a caça? Como se chama esta transformação? Como é melhor? Como o índio? Como o gato? Ou como o caçador? Ou como hoje? Por que?
- 5º.- UMA MULHER DEBAIXO DE UMA TENDA DE PALHA FAZENDO LOUÇA DE BARRO. Qual a diferença entre esta mulher e os caçadores dos quadros anteriores? Das pessoas presentes quais são como a mulher? Quais são como o caçador? Como será a vida de cada um destes personagens? Como será que eles vivem? Que existe por trás destas atitudes? Esta mulher está fazendo "cultura"? Quem mais faz cultura? No grupo, todos fazem cultura? Quem é mais adiantado: a mulher, o caçador ou o índio? Por que? Esta mulher sabe ler? Precisa saber ler? E se soubesse ler? Ela é feliz? O índio é feliz?
- 6º.- UM PRATO. UMA MORINGA. UMA PANELA. TUDO DE BARRO. PRODUTO DO TRABALHO DA MULHER. Isto é natureza ou cultura? Quem fez estes objetos? Quando morrer esta mulher, ficam as obras que fez? Por que ela faz louça de barro? Quando ela termina seu trabalho, que acontece com os objetos que ela fez? Na panela, no prato, na moringa, está a mulher? Ou estas coisas agora não são mais dela? E se ela vender estes objetos ou dá-los? Esta mulher podia fazer uma cidade? Um automóvel? E os operários que fazem geladeira, mesas, casas, são como esta mulher? De quem são as coisas que o homem faz? Quem fez todas as coisas que existem no mundo? Por que o homem faz coisas? Por que não ficou como o índio em sua maloca? Por que todos os dias aparecem novas coisas feitas pelo homem? Por que uns homens tem coisas e outros não? Por que as coisas que o homem faz PODEM SER VENDIDAS? Vender é perder a autoria dos objetos? E os homens que fazem coisas para outros homens? Cada grupo DIGA O QUE SÃO FAZER. A quem pertencem as coisas que faz...
- 7º.- DOIS CANTADORES TOCANDO VIOLA E UM RÁDIO AO LADO. O homem faz apenas coisas? Um compositor de samba faz "coisas"? É uma coisa um samba? Um cantador é também um PRODUTOR? Por que uns homens fazem cantorias, versos, livros, discursos e outros fazem casas, estradas, objetos? As coisas que o cantador e o escritor fazem podem ser conservadas como uma casa? Quando você ouve um cantador - um sambista, um discursador, o que ele diz passa a ser seu ou deles? Como pode um samba feito por um sambista vir a ser de todos? Um rádio é uma coisa? Como fala e canta? Qual a diferença entre

ensinar os livros ? O rádio ensina ? Quem fala no rádio ? O jornal ensina ? Quem escreve no jornal ? O rádio diz sempre a verdade ?

8º.- UM VAQUEIRO DO NORDESTE. Por que este homem se veste de couro ? Por que vocês não se vestem de couro ? Por que você - olhando esta figura - sabe que é um vaqueiro ? Pode-se saber de onde são as pessoas olhando como se vestem ? Por que varia as roupas das pessoas as casas, os alimentos que comem ?

9º.- UM GAUCHO DE BOMBACHAS. Porque este homem se veste diferente do vaqueiro ? É ele também um vaqueiro ? Por que cada pessoa deste círculo se veste diferentes ? Como se chama a maneira que cada pessoa tem de se vestir, de fazer suas casas, de comer, de adorar a Deus ?

10º.- UM CÍRCULO DE CULTURA. (uma porção de pessoas, o coordenador, um quadro negro ou uma figura, todos discutindo). - Que fazem estas pessoas ? Que querem elas ? Por que estão assim ? Que discutem ? Por que discutem os homens ? Todos os homens tem as mesmas opiniões sobre as coisas ? Eles querem aprender a ler ? Você quer aprender a ler ? Para que ?

O B S E R V A Ç Ã O

Estes quadros foram planejados para levar o indivíduo ao desejo e à necessidade de aprender a ler. Através deles, o coordenador deve fazer o grupo discutir TODA REALIDADE. Se a discussão se encaminhar para temas fora do quadro não tem importância: é até sinal de vitalidade do grupo. Quanto mais tempo e mais ricamente o quadro for discutido, melhor será o coordenador. Quando terminar este trabalho, o grupo está homogêneo, já se entende, já fez uma espécie de "cartais" de seus problemas, está ansioso para ver se PODE MUDAR. É hora, portanto, de APRENDER A LER. Não uma leitura para "votar", para "assinar o nome" - mas, para ser mais cidadão, mais homem, mais participante, mais culto...

.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.

A TÉCNICA DE ALFABETIZAÇÃO PROPRIAMENTE DITA

O grupo de "palavras geradoras" retiradas do "universo vocabular" - devem atender a dois princípios :

- a) corresponder às vivências do grupo para permitir ampla discussão - nos "círculos" de cultura" (aula) e
- b) resolver todos os problemas fonêmicos da língua portuguesa, isto é conter todas as situações de leitura.

OBS. - O método de Paulo Freire é SILÁBICO, serve a palavra gerada apenas de contexto gestaltico de onde se retiram as sílabas. A palavra é assim como uma CHAVE que permite pelo desdobramento das sílabas através das vogais - CEDIGRAR o TEXTO - Aliás, esta idéia de decifrar deve ser a tônica de todo trabalho : o coordenador deve estar sempre propondo um PROBLEMA PARA SER RESOLVIDO EM GRUPO (método psicogenético).

Exemplo de palavras geradoras usadas, em diversas ocasiões, pela equipe de Paulo Freire :

- a) Cajueiro Seco (Recife): Tijolo - voto - siri - biscate - cinza - doença - chafariz - máquina - emprêgo - engenho - mangue - terra - enxada - classe.
- b) Tiriri (colônia agrícola da Sudene): Tijolo - voto - roçado - abacaxi - cacimba - passa - feira - milho - maniva - planta - lombri-ga - engenho - guia - barra - cão - charque - cozinha - sal.
- c) BRASÍLIA: TIJOLO - VOTO - FARINHA - MÁQUINA - CHÃO - BARRACO - AÇOUGUE - NEGÓCIO - SOBRADINHO (cidade satélite) - PASSAGEM - POBREZA - PLANALTO - TRABALHO - EIXO - BRASÍLIA .

OBS. - Assim, como se vê cerca de 14-15-16 PALAVRAS GERADORAS podem conter todos os fonemas da língua portuguesa com todas as dificuldades fonêmicas imagináveis. É isto que dispensa a CARTILHA. No caso, a cartilha vai sendo construída pelo próprio grupo à medida que vai, primeiro fazendo - palavras, depois frases.

Cada palavra é apresentada num CONTEXTO : uma cena viva é apresentada num cartaz ou num filme contendo, discretamente, no alto, a palavra geradora.

Passos formais do processo

- 1º QUADRO-Cena de construção. Operários trabalhando. No primeiro plano, uma mão que levanta um enorme tijolo, projetado pela proximidade com que se apresenta ao observador. No alto, discretamente, a palavra-TIJOLO. O coordenador faz o grupo discutir a cena : Que é isto ? - Que estão fazendo ? Quem constrói ? De quem é a construção ? - Quem são os operários ? Quanto ganham ? (Em Brasília, como tudo ainda gira em torno de CONSTRUÇÃO, da discussão nascem todos os - problemas do candango...)
- 2º QUADRO-A palavra TIJOLO, em negrito, num fundo colorido, vermelho como a paisagem de Brasília revolvida pelos tratores. O Coordenador faz os alunos compararem esta palavra assim apresentada isoladamente - com a que estava no alto do cartaz anterior. Quase todos identificam a palavra e dizem : "TIJOLO".
- 3º QUADRO-A palavra TI-JO-LO apresentada em seus elementos fonéticos, em forma de SÍLABAS. O Coordenador faz exercícios de SEPARAÇÃO DE SÍLABAS através desta e de outras palavras até perceberem que é o movimento de articulação da boca que determina a sílaba.
- 4º QUADRO- TA TE TI TO TU - isto é, o DESDOBRAMENTO da primeira sílaba de TIJOLO através da mudança da vogal. O exercício consiste - fazer notada a VOGAL. Logo, na discussão, percebem os alunos que a

5º QUADRO-JA JE JI JO JU - repete-se o exercício anterior

6º QUADRO-LA LE LI LO LU - repete-se o exercício anterior. Nesta altura, vai-se perdendo, evidentemente, o contacto com a palavra geradora. O Coordenador tem o cuidado de voltar sempre a ela em rápidas RECÁPITULAÇÕES. A palavra tijolo é sempre a CHAVE por onde se começa.

7º QUADRO-JA JE JI JO JU
TA TE TI TO TU
LA LE LI LO LU

Todas as sílabas geradas com a aplicação das vogais são apresentadas de uma vez. É A CHAMADA FICHA DE DESCOBERTA. Daqui parte todo o processo de alfabetização. Esta ficha representa uma CHAVE DE DECIFRAÇÃO, como veremos. Começa-se por identificar as sílabas estudadas nas fichas anteriores. Leitura horizontal. Vertical. Diagonal. De cima para baixo. De baixo para cima. Etc.

Todo êxito do método vai depender do bom uso desta ficha. Se não produzir resultados, melhor mesmo é iniciar tudo de novo, refazendo as fases, de modo que o aluno seja capaz de FAZER PALAVRAS com as sílabas que estão contidas na ficha. Vimos em Brasília, na primeira apresentação desta ficha, um candango aproximar-se do quadro ler, apontando as sílabas correspondentes: " TU JÁ LE" !!! Vimos também serem feitas, na ocasião, palavras como TIJELA - TUTELA - TATU - LELE - JUTA - JATI - etc. Bem considerado, quando o analfabeto consegue formar inúmeras palavras com esta ficha JÁ ESTÁ, tecnicamente alfabetizado ! O restante do esforço é somente o de fornecer outras FICHAS DE DESCOBERTA (repetindo, rigorosamente, o mesmo processo !).

8º QUADRO-A - E - I - O - U - : é o estudo das vogais, para fazer compreender como são elas que tornam tão rica a CHAVE.

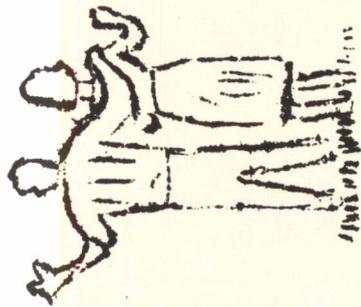
9º QUADRO-UMA FIGURA QUE MOSTRA UM HOMEM À BOCA DA URNA, DEPOSITANDO SEU VOTO. Discretament, em cima e de lado, a palavra VOTO.

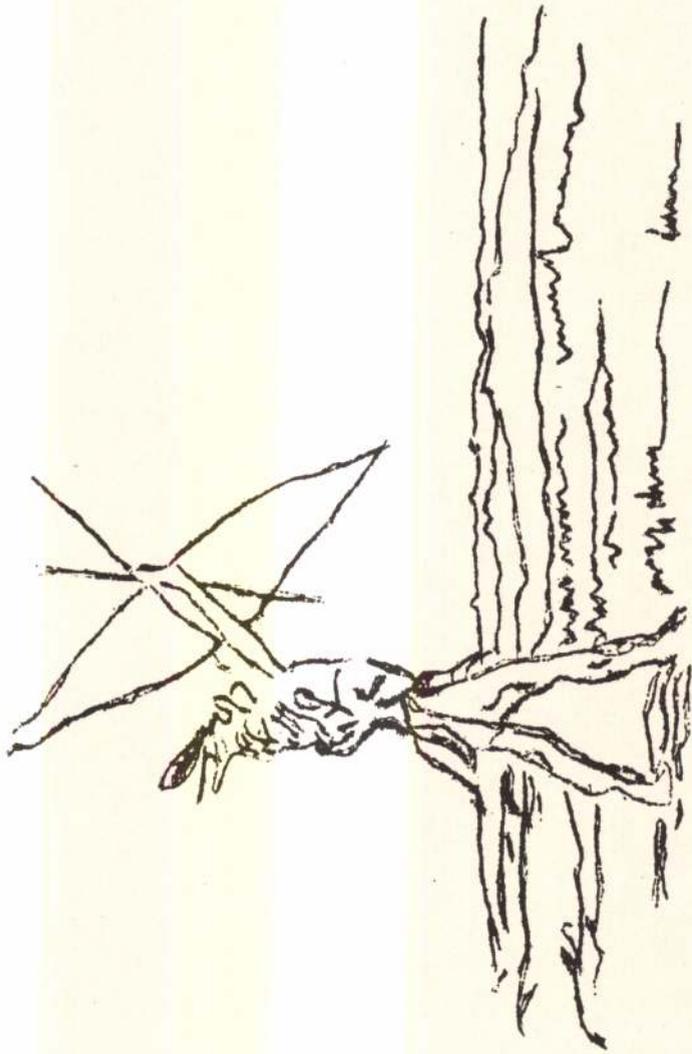
REPETE-SE, com a palavra VOTO, tudo que se disse a respeito da palavra TIJOLO e assim, sucessivamente, com todas as palavras que foram escolhidas para alfabetizar o grupo.

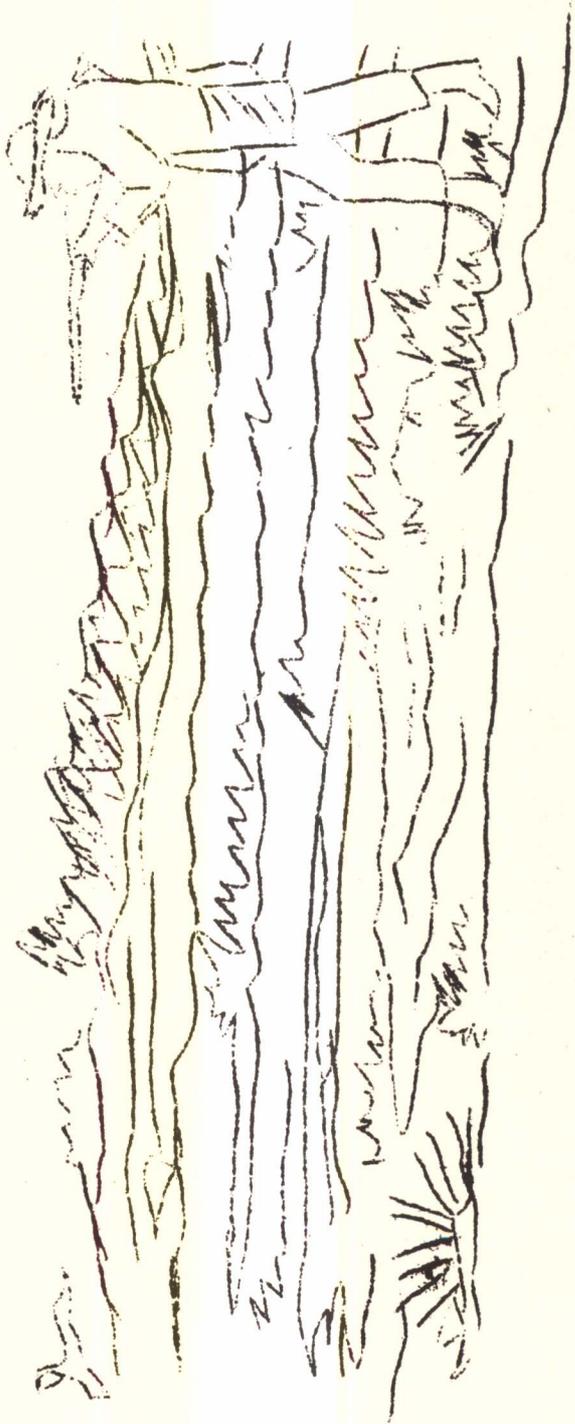
OBSERVAÇÃO FINAL

Toda a atividade escrita é alternada com o processo de escrita: mas, a escrita é feita, predominantemente, em casa, como exercício de fixação, mas sempre em situação de DESAFIO formar novas palavras. O Coordenador depois de apresentar, a ficha de descoberta, entrega a cada aluno um pedaço de cartolina que reproduz a ficha para ser usado em casa, como material gerador de novas palavras.

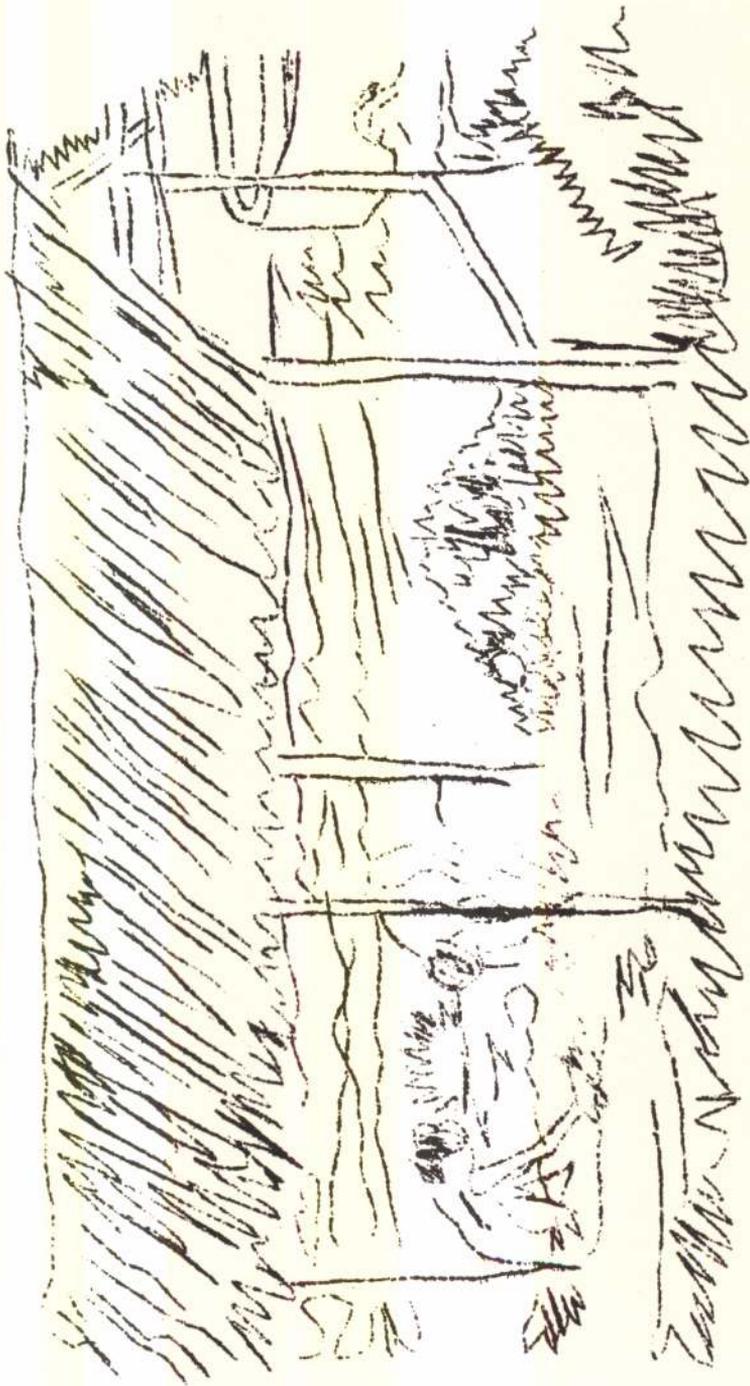
.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.

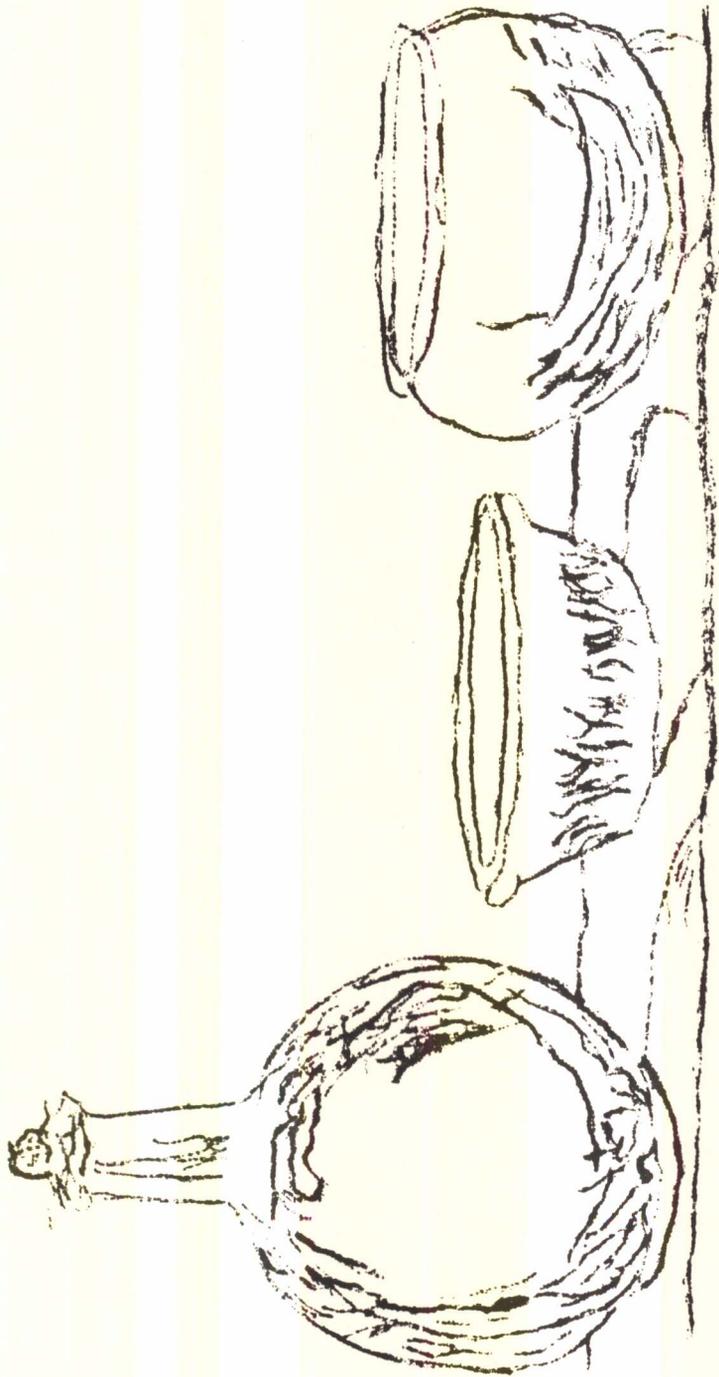




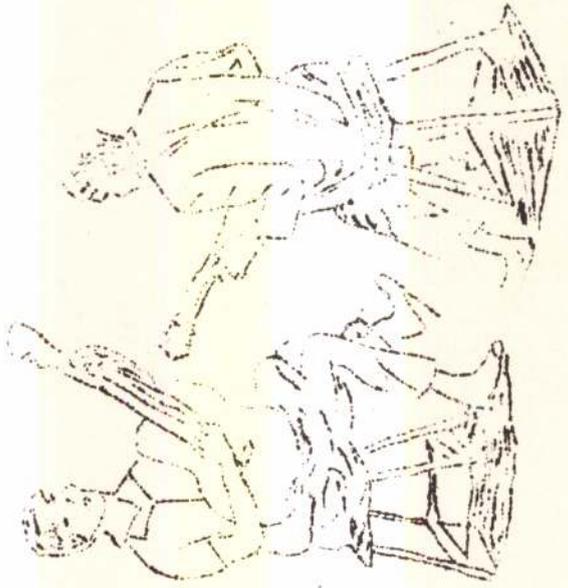
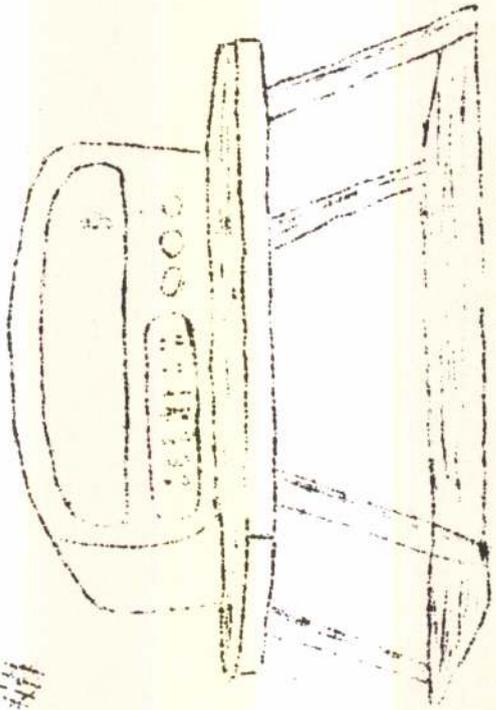






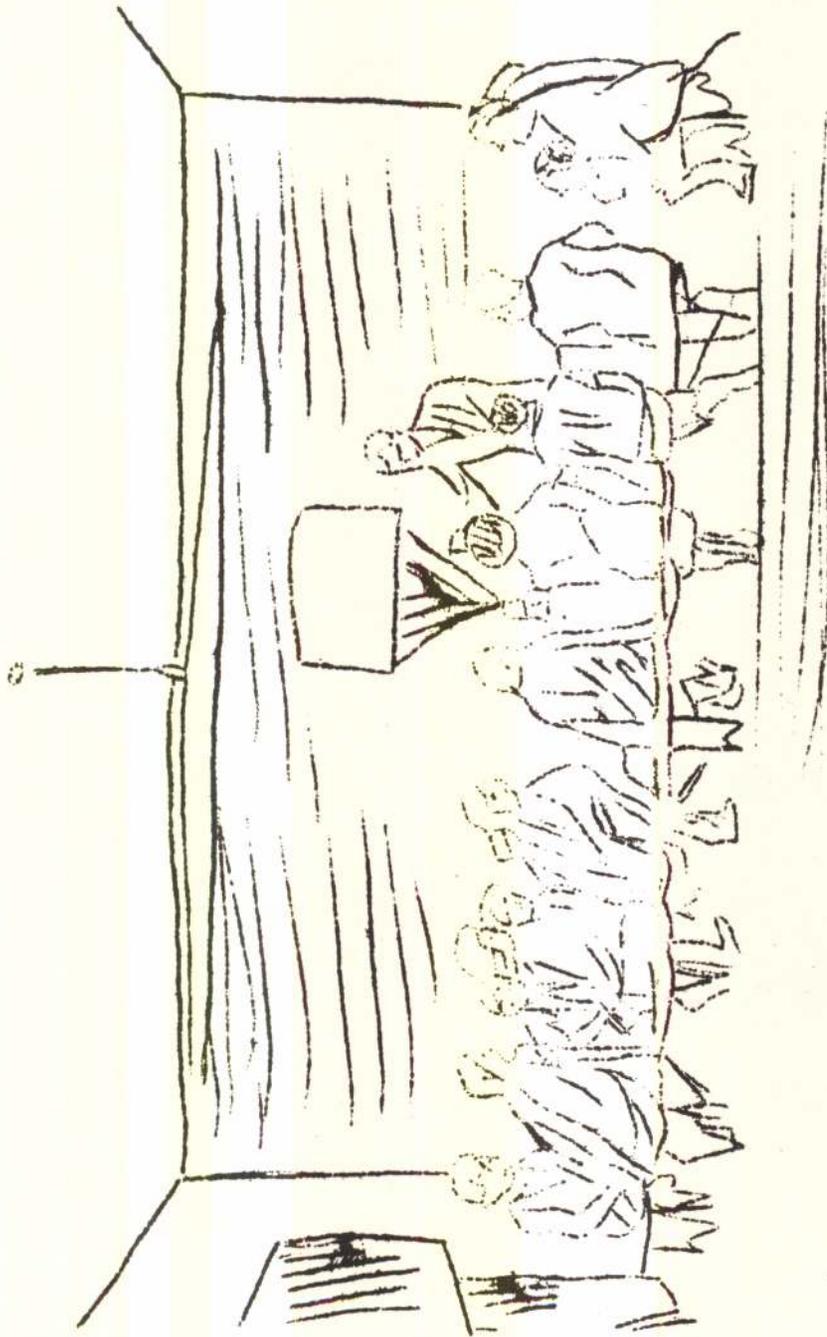


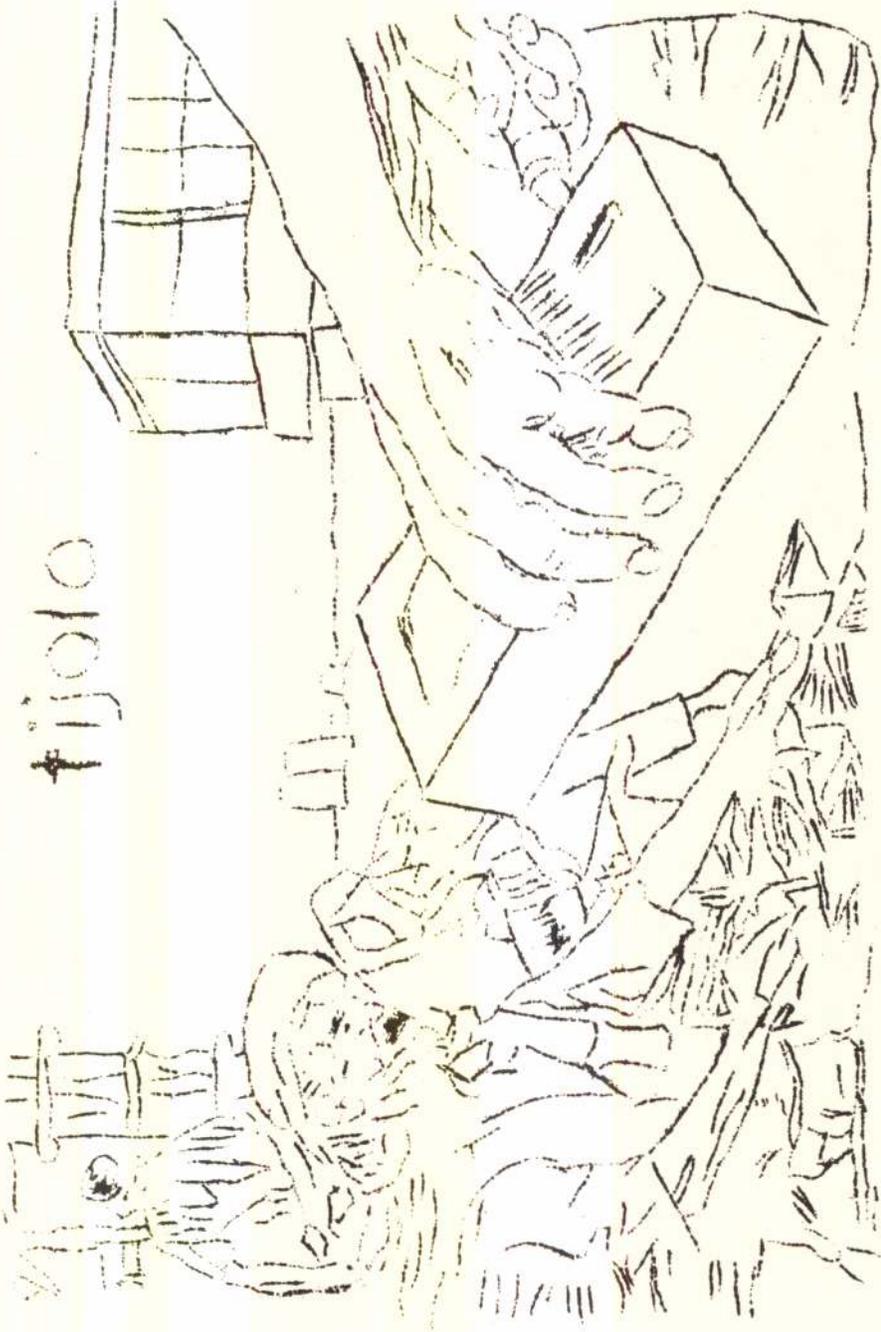
Handwritten text, possibly a name or number, oriented vertically.











tijolo